

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
20 e 23 de Novembro de 2023  
O EGITO DE YOUSSEF CHAHINE

## AL MASSIR / 1997 O Destino

*Um filme de Youssef Chahine*

*Argumento:* Youssef Chahine / *Diretor de Fotografia (35 MM, cor):* Mohsen Nasr / *Guarda Roupa:* Nahed Nasrallah / *Música:* Kamal el Tawil / *Montagem:* Rachida Abdel Salam / *Som:* Gasser Khorched / *Interpretação:* Nour el Charif (*Averróis*), Laila Elwi (*a cigana*), Mamhoud Hemida (*o califa*), Hani Salama (*Abdallah*), Khaled el Nabawi (*Nasser*), Ingy Abaza (*Sarah*).

*Produção:* Humbert Balsam para Ognon Pictures (Paris) e Gabriel Khoury, para Misr International (Cairo) / *Cópia:* digital (transcrita do 35 mm), versão original legendada em inglês com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 135 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes, Maio de 1997 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema King), 26 de Dezembro de 1997 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 10 de Dezembro de 1998, no âmbito do ciclo "50 Anos de Direitos do Homem".

\*\*\*\*\*

**Al Massir**, trigésima-terceira longa-metragem de Youssef Chahine e a sua quinta co-produção consecutiva com a França, recebeu o Prémio do 50º aniversário do Festival de Cannes (é curioso como Cannes sempre consegue celebrar aniversários "redondos", aproveitando-se das falhas na cronologia do festival, devidas à guerra e a Maio de 68). Obviamente prémio de consolação e prémio eminentemente político, como tudo em Cannes, tão político que ao anunciá-lo ao público Isabelle Adjani fez o esforço de pronunciar Chahine, com um magnífico *h* aspirado ao modo árabe, e não "Chaíne", à francesa. Prémio político também para o próprio festival, que deste modo lembrava e exorcizava o integrismo islâmico, que desde a revolução iraniana assumira a função fóbica, ao mesmo tempo mítica e real, de perigoso inimigo.

Embora aparentemente situado no século XII, naquela mítica Andaluzia do apogeu da civilização árabe, de que tanto se orgulha uma cultura que presta um fortíssimo culto ao passado, **Al Massir** trata unicamente de problemas de fins do século XX. Chahine, que é árabe e cristão e já teve problemas devido às intrigas da corrente islamista no seu país (proibiram por algum tempo o seu filme anterior, **Al Mohaguer/"O Emigrado"**) usou a velha técnica que consiste em fingir falar do passado para melhor falar do presente. **Al Massir** é uma exposição metódica e pedagógica (e aí está justamente a sua principal fraqueza enquanto objeto cinematográfico, pois tudo é um tanto óbvio) sobre as opções a que se encontrava confrontada a juventude árabe em fins do século XX (o século XIII da Hégira): de um lado, o culto do passado e uma leitura literal do Alcorão, para recuperar uma dignidade perdida; do outro, a conciliação entre esta velha cultura e o mundo moderno, através da educação, ou seja, a aposta no futuro. Já em 1985, em **Adieu Bonaparte**, Chahine inserira, como personagem secundário, um jovem integrista islâmico e fazia a seguinte análise do problema: "*Não se é fanático por acaso. Há factos que fanatizam uma pessoa. (...) Atualmente, os integristas aproveitam-se de um movimento nacionalista muito forte, que foi espezinhado. Fizemos não sei quantas guerras contra Israel, não ganhámos nenhuma. Então as pessoas acabam por dizer: é Deus quem vai ganhar a batalha por mim, pois todos os chefes que tentei fracassaram, fossem eles de direita ou de esquerda, nacionalistas ou não. (...) É terrível para mim, no fim da vida, ouvir falar em guerras de religião, como há cem anos*". A partir de 1985, Chahine viveu na pele os efeitos nefastos deste fenómeno, o que fez com se afastasse das explicações genéricas e tenha passado a examinar casos concretos: sofreu um processo como produtor, teve um filme proibido e, sobretudo, viu o seu jovem amigo e *alter ego* Mohsen Mohiedine, que encarna o jovem Chahine em "**Alexandria, Porquê?**" e tem papéis centrais em outros filmes seus, transformar-se em integrista, "*tendo*

*o cérebro lavado em dois meses*". Chahine continua fiel aos velhos princípios humanistas, quando *"hoje em dia, o humanismo é quase vergonhoso, é preciso falar do capitalismo, do marxismo, do merdismo ou de não sei quê..."*. Por isto, em **Al Massir** ele demonstra de modo tão metódico o que são a técnica e os argumentos dos integristas e recheia o filme com óbvias alusões ao presente egípcio. O anacronismo é voluntário, para reforçar o didatismo. A sequência, no início do filme, em que os integristas aplaudem o califa que odeiam, para que ele *"inche de orgulho até arrebentar"* é uma alusão transparente ao vaidosíssimo Anouar-el-Sadate (*"jamais esquecerei a primeira vez que o vi em uniforme de gala, ele mais parecia um oficial do império austro-húngaro"*, ironiza Chahine), que soltou de tal modo as rédeas aos integristas que estes acabaram por assassiná-lo. A tentativa de homicídio de Marwan, o cantor, que fica como uma faca espetada na garganta, é uma "citação" da tentativa de homicídio de Naguib Mehfoz, o Prémio Nobel de Literatura, com quem se passou exatamente o mesmo. A exposição das técnicas de aliciamento e fanatização dos integristas são obviamente baseadas em observações contemporâneas (lavar uma ferida seria *"um pecado"*, *"um bom muçulmano não canta"*). Mais óbvio ainda e sem nenhuma pretensão à exatidão histórica, é o facto dos integristas estarem sempre vestidos de verde, a cor emblemática do islão, o que designa de modo permanente a "cor" política dos personagens e não escapará a nenhum espectador árabe ou que tenha noções básicas da cultura árabe.

Por conseguinte, **Al Massir** destina-se directamente ao público árabe e só de modo indireto ao público de outras culturas. Certamente inferior a outros filmes de Chahine, que a partir de certo ponto passou a dizer que já não tinha *"tempo para ser perfeccionista"*, embora valha a pena ter tempo para certas coisas, o filme reata com várias tradições do cinema egípcio, que Chahine recicla ao seu modo. Para começar, a visão romanesca da História - a História como pretexto para contar histórias - que o cinema egípcio herdou de Hollywood e de que quase nunca se afastou: há anacronismos, erros, extrapolações, há a inevitável inserção de um *romantic interest*, há o rapto de Abdallah, digno de um filme de capa e espada e há o apressadíssimo desenlace, mas trata-se de um filme e não de um tratado de História. Outro elemento tradicional do cinema egípcio que Chahine utiliza é o melodrama, de que é exemplo patente o facto da cigana estar grávida do filho do califa. Há até uma aparente citação ou recriação de uma sequência de outro filme de Chahine, a cena noturna de amor ilícito à beira do rio, que retoma uma cena quase idêntica (e muito mais bela) de **"Saladino, o Vitorioso"**. E há sobretudo a música, inseparavelmente ligada à identidade do cinema egípcio, que Chahine explora a vários níveis. Chahine é admirador incondicional do musical americano e o filme com música é o género por excelência do cinema egípcio clássico, é a alma deste cinema (sobretudo nos melodramas, mas também em filmes policiais e dramas camponeses), para o qual Chahine deu um contributo original com o divertido **Enta Habibi/"És o Meu Amor"**, de 1957, em que funde o musical egípcio com a *light comedy* americana. Por isto, de cada vez que o cinema egípcio moderno tenta alcançar o grande público, lança mão da música, como Chahine em **Al Massir**. Mas aqui a música, inseparável da dança, tem outro sentido, o do prazer carnal, os dos prazeres deste mundo, em oposição às virtudes de um outro mundo, no qual Chahine visivelmente não acredita. Para um integrista muçulmano, a sequência hiper-didáctica em que o ex-dançarino Abdallah é "torturado" com dança e música deve ser um ultraje. Para os outros espectadores, é uma das muitas sequências de **Al Massir** que a razão rejeita mas que o coração pode aceitar, pois **Al Massir** é um "filme de tese" ao qual Youssef Chahine conseguiu incutir o calor humano que caracteriza os seus filmes.

Antonio Rodrigues